

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS GERAIS
CAMPUS MUZAMBINHO
Curso de Licenciatura em Educação Física**

VALQUIRIA ANGELIS FERNANDES

**POSSIBILIDADES E LIMITES DA INTERVENÇÃO DO
PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PARA A
SUPERAÇÃO DO SEXISMO NA ESCOLA**

MUZAMBINHO
2011

VALQUIRIA ANGELIS FERNANDES

**POSSIBILIDADES E LIMITES DO PROFESSOR DE
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR PARA A SUPERAÇÃO DO
SEXISMO NA ESCOLA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação em Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Campus Muzambinho, como requisito à obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientadora: Ms. Lia Polegato Castelan

MUZAMBINHO
2011

COMISSÃO EXAMINADORA

Muzambinho____ de _____de20____

Dedico este trabalho aos meus pais, que me apoiaram em todas as horas, dando força para matar meus dragões, para minha avó Izolina por me espelhar nela e acreditar que o sofrimento é passageiro, mas desistir é para sempre! E a minha orientadora Lia Polegato Castelan, por ter acreditado que poderíamos concluir mais essa etapa.

“E você aprende que, realmente, tudo pode suportar, que realmente é forte e que pode ir muito mais longe, mesmo após ter pensado não ser capaz...”

(William Shakespeare)

FERNANDES, Valquíria Angelis. **Possibilidades e limites de intervenção do professor para a superação do sexismo na escola**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso- Instituto Federal do Sul de Minas- campus Muzambinho, Muzambinho, 2011.

RESUMO

As relações humanas existentes na escola e na sociedade influenciam e são influenciadas por cada um na sua compreensão de mundo. Não existe separação entre a sociedade e as manifestações culturais e sociais apresentadas pelas pessoas. Sua compreensão e como ela é manifestada se tornam um assunto de extrema importância, visto que nessas relações são criados e reforçados conceitos na sociedade, que menosprezam ou exaltam alguma classe, ou orientação sexual. Dentro desta visão abordamos neste trabalho o sexismo na escola, e algumas manifestações na sociedade, que são extremamente ocultas, mas presentes, com o objetivo realizar uma reflexão sobre o assunto, buscando conhecimentos com vistas a modificar o conceito existente sobre o tema na sociedade e na escola, apresentando possibilidades para sua superação. O trabalho consiste em uma ampla revisão bibliográfica, seguida de uma pesquisa-ação, na forma de uma intervenção de quatro encontros com alunos do segundo ano do ensino médio de uma escola técnica federal de Muzambinho (MG), com foco a estabelecer parâmetros desta discussão na escola, interessando-nos especialmente as aulas de Educação Física. A intervenção foi muito válida, mas não atingiu todos os objetivos propostos por fatores como o pouco tempo de intervenção, o fato de não sermos professores da classe. Mas ela deve ser vista como uma forma de contribuição para a leitura do atual cenário das escolas e deve ser colocada em prática.

Palavras-chave: Educação Física, Sexismo, Educação

FERNANDES, Valquíria Angelis. **Possibilities and limits of intervention of the teacher to overcome sexism in school**. 2011. End of Course Work- Instituto Federal do Sul de Minas- campus Muzambinho, Muzambinho, 2011.

ABSTRACT

The existing human relations in school and society influence and are influenced by each and their understanding of the world. There is no separation between society and the social and cultural events presented by people. Your understanding is manifested and how it becomes a matter of great importance, since these relationships are created and reinforced concepts in society, who despise and extol some class, or sexual orientation. Within this vision we approach this work sexism at school, and some events in society that are very hidden, but present, with the objective of carrying out a reflection on the subject, seeking knowledge in order to modify the existing concept on the subject in society and at school, presenting options to overcome them. The work consists of a broad literature review, followed by an action research, in the form of an intervention of four meetings with students in second year high school students from a technical school federal Muzambinho (MG), with focus set the parameters of this discussion in school, interested especially in physical education classes. The intervention was very valuable, but did not achieve all the objectives proposed by factors such as short time of intervention, the fact of not being a teacher of the class. But should be seen as a form of contribution to the reading of the current environment of schools and should be put into practice.

Keywords: Physical Education, Sexism, Education

SUMÁRIO

RESUMO.....	8
ABSTRACT.....	9
INTRODUÇÃO TEÓRICA.....	10
O SEXISMO.....	10
RELAÇÕES DE GÊNERO NA SOCIEDADE.....	12
RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA.....	15
METODOLOGIA DA PESQUISA-AÇÃO	19
DISCUSSÃO DA PROPOSTA EFETIVADA.....	22
PRINCIPAIS DIFICULDADES ENCONTRADAS.....	31
CONCLUSÃO.....	34
PROPOSTAS DE AÇÃO.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37

INTRODUÇÃO

As relações humanas existentes na escola e na sociedade influenciam e são influenciadas por cada um na sua compreensão de mundo. Não existe separação entre a sociedade e as manifestações culturais e sociais apresentadas pelas pessoas. E sua compreensão e como ela é manifestada se tornam um assunto de extrema importância, visto que nessas relações são criados e reforçados conceitos na sociedade, que menosprezam ou exaltam alguma classe ou orientação sexual.

Dentro desta visão abordamos o sexismo na escola e algumas manifestações na sociedade que são extremamente ocultas, mas ainda sim bastante presentes.

A discriminação sexista acontece não apenas na escola, mas também nas relações sociais e humanas. Vêm das manifestações culturais e sociais aprendidas dentro e fora de casa, nas relações em sociedade, nas relações com modelos estereotipados, porém todos são reforçados no ambiente escolar, local de produção e reprodução dessa discriminação.

Com o presente estudo pretendemos entender através de pesquisa bibliográfica as possibilidades e dificuldades presentes ao se trabalhar com relações de gênero na escola descritas na literatura científica, especialmente na perspectiva de superar o atual modelo sexista. Também a partir do levantamento bibliográfico indetificamos como o trabalho do professor de Educação Física pode ser importante para a (re)construção simbólica dos gêneros.

A atuação do professor de educação física escolar é uma ferramenta fortemente esquecida e sem muita atenção. A visão das escolas na elaboração de um projeto político pedagógico, em sua maioria não inclui projetos de trabalho nas áreas humanas, neste trabalho citado, o modelo sexista, sendo um dos objetivos que a educação se propõe. A ação transformadora que deveria acontecer partindo da gestão pedagógica até chegar à salas de aula, não acontece então usa dos valores de liberdade, verdade e justiça, que justificam uma educação transformadora (GONÇALVES, 2000).

Pela enorme importância das relações que acontecem no ambiente escolar, surgiu-nos o questionamento: “porque as meninas e meninos são separados na escola?”, e “como essa e outras separações influenciam na compreensão de gênero de cada um?”. A partir destes questionamentos buscamos compreender o discurso de gênero presente na escola, e propor uma intervenção para levar os estudantes do segundo ano do ensino médio de uma escola técnica federal a terem uma visão mais crítica sobre o assunto, baseados em conteúdos e informações próprias da área da Educação Física.

O objetivo da pesquisa é realizar uma reflexão da forma como os papéis sexuais estão presentes na escola, mais especificamente nas aulas de educação física escolar. Buscando conhecimentos com vistas a modificar o conceito existente sobre o tema na sociedade e na escola, apresentando possibilidades para sua superação.

O trabalho consiste em uma ampla revisão bibliográfica, seguida de uma pesquisa ação, na forma de uma intervenção de quatro encontros com alunos do segundo ano do ensino médio de uma escola técnica federal de Muzambinho (MG). sobre sexismo na escola, partindo do professor da sua atuação e na prática pedagógica, da escola, da sua posição em relação as manifestações sexistas, do conteúdo escolhido, e da intolerância à diversidade sexual na sociedade, com foco a estabelecer parâmetros desta discussão na escola, interessando-nos especialmente as aulas de Educação Física.

Na pesquisa buscamos na literatura científica e na intervenção prática, uma atual compreensão das relações de gênero na sociedade, na escola e nas aulas de Educação Física, trazendo elementos para compreender as raízes históricas, culturais, sociais e possibilidades de superação e reflexão, por parte dos profissionais.

INTRODUÇÃO TEÓRICA

O SEXISMO

Como afirma Scott (1990) apud Torrão Filho (2005), o conceito de gênero foi criado para opor-se a um determinismo biológico, nas relações entre os sexos, dando-lhes um caráter fundamentalmente social [...] Esse aspecto relacional definia homens e mulheres em termos recíprocos e que não podiam ser entendidos separadamente.

Em relação a gênero, Vianna e Ridenti (1998), afirmam que, este termo começou a ser utilizado como uma maneira de se referir à organização social entre os sexos, de insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas sobre o corpo. Gênero remete, portanto, uma tentativa de incorporar, na análise dos seres humanos, aspectos que são socialmente construídos, observando que cada cultura define o que é masculino e feminino. Ou seja, gênero é a construção social do sexo.

Sexismo é termo que se refere ao conjunto de ações e ideias que privilegiam determinado gênero ou orientação sexual, em detrimento dos entes de outros gêneros ou orientações sexuais (Moreno 2001). O sexismo tem uma visão de discriminação entre os sexos que está presente e dominante na sociedade e na escola. Ele é uma explicação de diferenças culturais e sociais por meio de fatores biológicos. Ações sexistas podem partir de diversos pressupostos destacando-se os de que um gênero e uma identidade sexual é superior a outro.

Mulher e homem são profundamente diferentes (mesmo além de diferenças biológicas), e essas diferenças se refletem em aspectos sociais como os direitos, linguagem, condições de vida, expressões, atitudes, aspectos psicológicos, maneira de se vestir, entre muitos outros.

Baseados em generalizações das características comportamentais, é comum ouvirmos frases como: "todo homem é mulherengo" ou "toda mulher é delicada" ou "todo homossexual é gentil".

Diferentes termos podem ser usados para nomear conjuntos de idéias e ações sexistas de acordo com o gênero afetado. O sexismo contra homens é chamado de misandria ou androfobia. O sexismo contra mulheres é comumente denominado de machismo, chauvinismo ou misoginia. As formas de discriminação contra Lesbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais (LBGT) podem ser genericamente nomeadas como homofobia.

É comum que indivíduos promovam atitudes sexistas contra seu próprio gênero. A forma como a cultura age no imaginário coletivo permite que seja possível encontrar mulheres que defendam que "lugar de mulher é na cozinha" ou homens afirmando que "marido que não procura trabalho é vagabundo" assim como há mulheres e homens que se contrapõem a tais ideários, indistintamente.

Outra grande manifestação do sexismo é o androcentrismo. De acordo com Moreno (2001) consiste em considerar o ser humano do sexo masculino como o centro do universo, como a medida de todas as coisas, como o único observador válido de tudo o que ocorre em nosso mundo, como o único capaz de ditar leis, de impor justiça, de governar o mundo. Essa idéia talvez esteja em grande parte presente em nossas vidas, porém atualmente o androcentrismo vem perdendo força e as possibilidades de que as mulheres conquistem cada vez mais um espaço, está evidente na realidade brasileira.

Apesar das discussões políticas, midiáticas e acadêmicas sobre igualdade de gênero travada nas últimas décadas, muitas idéias sexistas ainda permeiam a cultura brasileira e explicam parte das diferenças sociais, econômicas, ocupacionais e comportamentais entre os gêneros.

Para a Psicologia, o sexismo é um ideário, construído social, cultural e politicamente onde um gênero e uma orientação sexual tenta se sobrepor aos outros.

O sexismo é algo que está vinculado à educação, às situações vivenciadas, e no contexto que se está inserido. É visão de mundo que pode e deve ser transformada, para que as próximas gerações herdem uma visão sem discriminações entre os seres humanos.

RELAÇÕES DE GÊNERO NA SOCIEDADE

Na Constituição Brasileira de 1988 que se refere aos direitos e deveres individuais e coletivos, o artigo 5º do parágrafo 1º, coloca que homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações. Moraes (1998) apud Formiga, Golveia e Santos (2002) especifica claramente esta parte da constituição e comenta que a desigualdade entre os gêneros é proibida, sendo enfatizada na lei a plena igualdade.

No entanto observamos que a igualdade não apresenta correspondência com a realidade. Um exemplo claro disso é que mesmo possuindo o mesmo grau de escolaridade, a mulher recebe menores salários que os homens, segundo pesquisa da Fundação Carlos Chagas (1998). As razões para tanto se radicam principalmente na visão estereotipada do papel e da capacidade de ambos os gêneros.

De acordo com os estudos desenvolvidos essencialmente ao longo da segunda metade do século XX no Ocidente, a mulher encontrou-se na posição definida e não de definidora. Sendo assim, foi desenvolvido um discurso que situa o homem no plano do ser humano por excelência e a mulher como um ser insuficiente, discurso nitidamente androcêntrico. Por exemplo, para conseguir emprego, algumas empresas preferem contratar homens para o trabalho, em vez de mulheres, ou ainda contratam mulheres com menores salários.

Na sociedade a mulher está relacionada ao pecado e à submissão, marcada, no discurso religioso e filosófico, pela identificação da mulher com a imperfeição, o mal, o demônio. Porém, com exaltação da maternidade, a transposição do discurso para a eternização do seu papel de mãe. Uma forma de manter a mulher sempre submissa é exaltá-la em suas características passivas e evitar que ela participe ativamente da construção da sociedade, renegando-a um papel secundário, ao contrário do homem, que por sua vez encontra na sociedade a expectativa de reagir sempre de forma viril, forte, mantenedor da casa e reprodutor nato.

O paradigma heterossexual se impôs nas linhas de conduta de homens e mulheres, definições surgidas através de formas fisiológicas, que podemos considerar os aparelhos genitais e de uma categoria psicológica, na qual o desejo

sexual por pessoas do sexo oposto é visto como a forma natural de sexualidade. Ao contrário da visão da heterossexualidade, não o mundo não se limita à apenas esta manifestação da sexualidade, portanto, o que foge do modelo heterossexual não deve ser considerado anormal e possui identidade social.

O gênero além de ter sua funcionalidade nas relações sociais é de caráter organizador fundamental da sociedade, pois inclui as dimensões de raça, orientação sexual e grupo econômicos, possibilitando uma construção de conceitos e relacionando com o convívio em sociedade.

A mídia também tem influência na construção dos gêneros, porém com um papel talvez coadjuvante. Para Darcy Azambuja (1987) apud Finamore e Carvalho (2006) tendo em vista que a cultura de massas obriga o indivíduo a perder ou a não formar uma imagem de si mesmo diante da sociedade, praticando um reforço das normas sociais e promovendo o conformismo social, a mídia atua sobre o indivíduo, e em alguma medida influencia em suas escolhas e comportamentos políticos.

Mas com o passar dos anos a distinção entre gêneros se baseou nas concepções de masculinidade e feminilidade, entendidas em termos estritos, que sublinhavam que a identidade de homem e mulher se dava através da aceitação consciente do sexo biológico, que é evidente a partir do nascimento, e carregado por toda vida, podendo ser transformadas ao longo do tempo. Pode-se dizer que é através da autopercepção que cada um incorpora os atributos aceitos culturalmente.

Para Fernandes (2010), as diferenças anatômicas e fisiológicas que em nossa cultura diferenciam o ser humano em homem e mulher e estão atreladas às interpretações que fazemos dos corpos. A vida em sociedade é baseada nessa diferenças e nas manifestações delas.

Porém uma questão pertinente que levantada por Goellner (2010) é: como o corpo existe independente da cultura em que vive? A autora afirma que o corpo não existe sem a influencia da cultura, portanto os grupos sociais é que atribuem valores, à formas de corpo, que são influenciados pela cultura e que no decorrer da vida são construídos outros valores particulares e podem ser transmitidos da mesma maneira, caso não forem modificados.

Desta maneira, reconhece-se que a sociedade está impregnada de ideologias que guiam e justificam as condutas dos indivíduos, fazendo com que estas sejam “comuns” e sirvam como base para que homens e mulheres adotem esquemas psicológicos e ideológicos que refletem comportamentos a respeito da formação discriminatória de papéis sexuais, afirma Paéz, Torres & Echebarría (1990) apud Formiga, Golveia e Santos (2002). Estas discriminações ainda prevalecem e estão fortalecidas pela predominância que o macho teve no passado, sustentada por concepções que atribuíam aos homens uma diferença e maior capacidade quando comparados com as mulheres. Porém, esta forma nítida do sexismo parece estar condenada a sucumbir.

Na sociedade atual, com sanções legais contra juízos e condutas discriminatórias em relação ao gênero, o sexismo parece estar tomando novos contornos. A exemplo do preconceito contra grupos minoritários (negros, homossexuais, gordo ou muito magro, entre outros)

Atualmente, a divisão ainda esta clara na sociedade, porém com muito menos força do que décadas atrás, quando a mulher era apenas a figura do lar, e o homem do trabalho. O domínio das mulheres tem mudado em muitas áreas elas competem com os homens e conseguem posições ocupadas apenas por eles, mas ainda com salários menores. Há segmentos sociais que a desproporção é grande e quase sempre favorecendo homens, por exemplo casos que acontecem em prefeituras municipais , onde a chefia de algumas estão nas mãos de algumas mulheres, porem o salário do homem subordinado a ela é maior.

O gênero evidencia uma relação de poder distribuída assimetricamente na sociedade, sendo que tal diferenciação ou presumível hierarquia, seja através das questões sociais seja das psicológicas, não pode ser considerada isoladamente do contexto em que é fomentada afirma Ferreira, (1995) Souza & Ferreira (1997) apud Formiga, Golveia e Santos (2002). Neste trabalho nos interessa conhecer as diferenças de gênero no contexto escolar.

RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA

Sobre o ambiente escolar Moreno (2001), afirma que ao ingressar na escola, meninos e meninas já sabem muito bem qual é sua identidade sexual, e qual é o papel que, como tais, lhes correspondem, ainda que não tenham muito claro o alcance e o significado desse conceito, assim como o de tantos outros a escola colaborará eficazmente no esclarecimento conceitual do significado de ser menina e fará o mesmo com o menino. Não o fará, porém de maneira clara e aberta, mas na maioria das vezes de forma dissimulada ou com a certeza arrogante daquilo que, por ser tão evidente, não necessita sequer ser mencionado nem muito menos explicado.

A linguagem que é usada na escola é extremamente sexista, meninos e meninas devem aprender uma identidade sexolinguística e que levam durante a vida, porém sempre com uma ambiguidade de expressão. A palavra impressa nos livros reforça o modelo androcêntrico. Por exemplo, a professora não se equivocará em chamar o menino e a menina, nessa ordem, ao pedirem pra que levatem. Os desenhos impressos também são uma expressão da discriminação dos gêneros, por exemplo: Maria está cozinhando (figura com uma mulher) e João está trabalhando (figura com homem em um escritório), porque o homem não pode cozinhar e a mulher trabalhar fora? O modelo sexista está bem nítido, reforça os estereótipos, sem questioná-los cientificamente, e não podemos afirmar que meninos e meninas que recebem as mesmas explicações nas aulas, recebem a mesma educação.

A escola é um local de reprodução das relações de poder, no seu papel de transmissora de conhecimento, ela está atualmente condicionada ao sexismo, que se manifesta nos livros didáticos, na aplicação das aulas, na linguagem, no conteúdo das disciplinas e dando destaque para a disciplina de educação física, onde o sexismo e relações entre os gêneros acontecem diretamente, por meio do professor e sua prática pedagógica.

Na escola os conceitos de gênero vêm produzidos e muitas vezes não apenas reproduzidos nas aulas e nos conteúdos escolares. O exemplo nítido são as atitudes das crianças nas aulas de educação física, onde existe sempre a separação

de menino para um lado da quadra, a menina do outro, e ambos não podem segurar a mão um do outro. O menino joga o futebol e têm valores de virilidade, força, esperteza, uma chamada masculinidade e a menina faz ginástica ou danças e tem valores de ser dona do lar (brincadeiras de boneca), sempre linda, produzida, com padrões de corpos ideais e delicados. Essas oposições dificultam muito a necessária reflexão científica dos valores já estabelecidos e não permite mudanças.

Aparato de gêneros é a expressão usada por Fernandes (2010) para representar um conjunto de saberes e algumas normas sociais que se direcionam às pessoas- e são por elas reiteradas, repudiadas ou transformadas-, a fim de construir diferentes maneiras de comportar-se, de agir, falar, vestir-se, de brincar, de amar.

A afirmação da autora confirma os modelos de gêneros que existem nas escolas e a sociedade. Porém a direção e responsabilidade de transformar os saberes sociais já reiterados talvez sejam da escola. Em especial nas aulas de educação física, por todo conteúdo relacionado ao corpo e ao movimento dele e ainda mais, pela proximidade que existe nessas aulas.

Claro que não podemos esquecer as famosas filas, de homens e mulheres, com um braço de distância. Afirmo Moreno (2001), Co-educar não é por em uma mesma classe indivíduos de ambos os sexos nem unificar, eliminando as diferenças mediante a apresentação de um modelo único, não é uniformizar as mentes de meninas e meninos, é ensinar a respeitar o diferente e a desfrutar da riqueza que a variedade oferece.

Nas aulas de educação física as diferenças de gênero são mais evidentes, visto que há um contato corporal maior do que em outras disciplinas, que existe uma imagem corporal sendo trabalhada a todo o momento, estando bem construída para o aluno ou não, atua nas práticas corporais e esportivas, levando em consideração a diversidade de cada um, esta sujeita a situações de reflexão corporal e consegue atuar em áreas psicológicas de um aluno. Esse aspecto que já vem sendo junto com a própria história da educação física escolar.

A afirmação feita por Goellner (2010) apud (2008), de que:

“um corpo não é apenas um corpo é também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações,

o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos”,

Reforça a existência da complexidade em tratar de gêneros, principalmente, nas aulas de educação física escolar, onde todos os aspectos citados pela autora estão presentes em todo momento.

Também são nas aulas de educação física que existem os espaços para as manifestações de toda a diversidade humana, da raça, da orientação sexual, da performance de cada um, da forma de corpo, se é magro, gordo, alto ou magro, onde se colocam frente a frente tentando se aceitarem ou se afastarem, é neste espaço que os alunos vão se confrontar e negarem a realidade, reproduzem um conceito que já vem construído socialmente. E também é nesse mesmo espaço que o profissional de educação física, de acordo com Goellner (2010), faz sua prática pedagógica por meio da intervenção de pessoas concretas, cujas idéias podem tanto reforçar as exclusões, os preconceitos, as violências, quanto minimizá-las.

A responsabilidade da educação física está em problematizar a questão de gêneros e buscar uma compreensão menos pré-conceituosa sobre estas relações. Posto que é no âmbito escolar, junto com a intervenção do professor, na escolha dos conteúdos, na forma de transmissão desses conteúdos, na forma de avaliação, ou seja, em suas aulas que as questões de gênero se manifestam e um dos muitos papéis do profissional de educação física é a de buscar dentro e fora da escola, o reconhecimento e respeito pela diversidade, usando como ferramenta suas aulas, sua proximidade com o aluno e logo provocando uma reflexão sobre a cultura corporal dentro na prática pedagógica e modificando velhos conceitos e pensamentos, para que assim possam ser reproduzidos.

No caso da educação física é fácil comprovar a discriminação tanto da própria disciplina dentro da escola, quanto da forma como aplicar os conteúdos dela. Na relação com o sexismo não é de diferente quanto a formação das turmas e, é concretizado através do Decreto Federal nº 69.450/71, título IV, cap I: III- Quanto a composição das turmas 50 alunos do mesmo sexo, preferencialmente selecionados

por nível de aptidão física. Este decreto perdeu o efeito recentemente com a elaboração de uma nova diretriz educacional, as Leis de Diretrizes e Bases na Educação Nacional (LDB) em 1996.

Na atuação do profissional de educação física Soares et al (1992) fala da concretização da co-educação entendida como forma particular de elaborar/praticar formas de ação comuns para os dois sexos, criando um espaço aberto á colaboração entre ele para a critica ao “sexismo” socialmente imposto. Essa concretização só é possível quando a organização dos conteúdos aplicados nas aulas de educação física escolar tiver o objetivo de promover a leitura da realidade, assim trazendo reflexões sobre algo que é de interesse social. Pois a educação física escolar não se resume em cinco conteúdos já determinados, de jogos, lutas, danças, ginasticas e esporte, que seja esporte da escola.

METODOLOGIA DA PESQUISA-AÇÃO

A metodologia utilizada foi a de pesquisa-ação, com o objetivo apresentar possibilidades de maiores estudos e propostas e não de esgotar o tema, tão amplo e complexo.

Neste método não cabe ao pesquisador ficar preso à suas propostas, mas de ter claro que sua proposta pode ser modificada para atender as necessidades reais do grupo avaliado, como afirma Franco (2005), a transformação é previamente planejada, sem a participação dos sujeitos, e apenas o pesquisador acompanhará os efeitos e avaliará os resultados de sua aplicação, essa pesquisa perde o qualificativo de pesquisa-ação crítica, podendo ser denominada de pesquisa-ação estratégica.

O autor Thiollent (1986) apud Vilela e Manzini (2009) afirma que o principal objetivo dessa pesquisa está em *“resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada”* (p. 16). Neste tipo de pesquisa, a ação dos pesquisados não deve ser banal, mas sim bem dirigida e organizada. Essas ações são reivindicações em diferentes contextos, como: *“animação, cultural, organizacional”*, à introdução de uma nova tecnologia (THIOLLENT, 1986).

A intervenção foi realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, no Campus da cidade de Muzambinho, em uma turma chamada Informática D, de 2º ano do Ensino Médio integrado com Técnico em Informática com 33 alunos ao total. As intervenções aconteceram nas aulas de educação física nos horários regulares da escola e foi composta por quatro aulas, de 50 minutos cada, que foram aplicadas no período de 16 de Maio a 01 de Junho de 2011. A forma de avaliação foi a observação e a análise dos registros em formato de áudio, textos produzidos pelas pesquisadoras e textos construídos pelos alunos.

A proposta inicial de ação foi feita antes de entrarmos em contato com os alunos, e serviria de base para os objetivos da pesquisa. Porém pela própria

metodologia usada esperávamos que houvesse mudanças na proposta inicial, como de fato houve¹:

Relataremos à seguir a intenção primeira de ação:

Primeira aula: A aula se dividiria em três partes, a primeira se iniciaria com apresentações pessoais das pesquisadoras, apresentação do tema proposto e reflexão do papel da Educação Física em tratar desse assunto. A segunda parte seria a apresentação de conceitos, como o sexismo, o androcentrismo, exposição das manifestações na escola e na sociedade. O objetivo da aula em seguida seria realização de uma avaliação diagnóstica através de um debate livre, em forma de círculo tratando da compreensão do tema, utilizando de uma pergunta geradora como ponto de orientação da discussão.

Segunda aula: A aula se dividiria em três partes, a primeira se iniciaria com a recordação dos conceitos já apresentados na aula anterior. A segunda parte seria realizada uma dinâmica, utilizando da atividade de massagem corporal, primeiramente com duplas com afinidade, depois com duplas aleatórias. O objetivo seria provocar a reflexão dos alunos em relação ao contato, o toque, com outro colega de classe, tentando quebrar o tabu desse tipo de contato. Ao finalizar na terceira parte da aula faríamos a análise de todo o processo e da fala de cada um dentro.

Terceira aula: A aula se iniciaria com apresentação de vídeos reais, de entrevistas e fatos acontecidos na sociedade, teria o objetivo de levar fatos de conhecimento de todos, porém sem a reflexão necessária. Os vídeos que seriam mostrados eram, os transmitidos pelo Programa CQC, com entrevista com o atual deputado Jairo Bolsonaro do partido PP do estado do Rio de Janeiro, e o vídeo do atleta de voleibol, Michel, que atualmente joga no Clube Volei Futuro, que foi vítima do preconceito em uma de suas partidas, por ter assumido sua homossexualidade.

Quarta aula: A última aula na intervenção proposta se dividiria em três partes, seguindo a metodologia da primeira aula, teria objetivo de avaliar, através de observações se houve mudança na compreensão dos alunos sobre o tema proposto. A primeira parte consistia em um debate livre novamente, tratando de uma

¹ As mudanças serão relatadas durante a discussão dos dados obtidos, pois também fazem parte deles.

suposta nova compreensão do tema, deixando que eles ficassem a vontade para fazerem sua colocações, seus pontos fortes e pontos fracos em relação as aulas e a sua compreensão. A segunda parte consistia nas considerações finais e agradecimentos.

DISCUSSÃO DA PROPOSTA EFETIVADA

No primeiro dia fomos bem recebidas, com um olhar curioso para com o nosso objetivo nas aulas de educação física, a princípio deduziram que a classe tinha sido escolhida por terem tido problemas na última aula de educação física. Este fato nos atentou. Que talvez as aulas de educação física funcionem como castigo, como tiveram problemas na ultima aula, eles foram escolhidos para realizar outra atividade, que não fosse educação física, deixando muito clara a posição do aluno em não manter interesse nas aulas de educação física escolar. No geral a turma foi muito prestativa e nos respeitou em todas as etapas.

A primeira aula teve objetivo diagnostico e iniciou com apresentações pessoais das pesquisadoras, apresentação do tema proposto e reflexão do papel da Educação Física em tratar desse assunto. A segunda parte sendo a apresentação de conceitos, como o sexismo, o androcentrismo, exposição das manifestações na escola e na sociedade. Em seguida a realização de um debate livre, realizado em forma de circulo tratando da compreensão do tema, utilizando de uma pergunta geradora como ponto de orientação da discussão. A pergunta trabalhada foi: Como é ser mulher, e ser homem?

No momento inicial tivemos a impressão de que seria fácil promover uma mudança na mentalidade dos alunos, nos baseando no interesse apresentado pela turma, que foi explicitado no silêncio da sala, nos questionamentos feitos, e na atenção dada ao que estava sendo transmitido, como por exemplo, anotações feitas espontaneamente por alguns alunos, algumas questões levantadas com muita relevância, outras nem tanto. Percebemos também que alguns ficaram incomodados, com um olhar muito forte e com uma postura um pouco rude, no caminhar da aula, mostrando que talvez não concordasse com nada do que estava sendo falado, enquanto outros mostraram com uma compreensão mais aberta, porém que precisava, ao nosso entender, ser lapidada.

No encerramento desta primeira aula, houve uma mudança de diagnostico, por nós percebido, sobretudo pela forma com as falas ao decorrer das aulas se tornaram muitos mais fortes, do que no inicio, falas muito preconceituosas, com

graus de compreensão que não poderiam ser modificados apenas em algumas aulas, mas sim com um trabalho completo sendo realizado.

Para poder entender o que os alunos tinham de compreensão sobre o sexismo e as relações de gênero que existem na escola e na sociedade, realizamos um debate livre, porem com uma ideia geradora, que consistia em uma pergunta: Como é ser mulher e como é ser homem? Sendo um ponto para que eles se atesem e não mudassem o foco da discussão. Neste primeiro debate, surgiram as primeiras opiniões sobre homens e mulheres, falas com significado moral, cheias de preconceitos, com alguma compreensão mais aguçada e até sem nenhuma opinião formada foram surgindo.

P: Como é ser homem e como é ser mulher?

“ eu nunca parei pra pensar nisso, em como é ser homem.”

“ ser homem é bom”

“ ser mulher deve ser muito difícil, tem que arrumar maquiagem, cabelo”

“ ser homem é bom, não tem que ter filhos”

“ ser mulher pra mim, é saber se valoriza e também dar valor ao corpo.”

“ homem é um ser inútil.”

No decorrer das falas, com apresentação das relações de gêneros existentes na sociedade, e abordando aspectos do preconceito com relação à homossexualidade, alguns afirmaram e reconheceram a influencia da religião e a cultura que eles já traziam de casa, e da rua, e colocaram pontos contrários a questão da adoção por casais homossexuais:

“sou totalmente contra o homossexualismo, porque Deus criou o homem e a mulher, e os dois foram feitos um para o outro, não para ter um no meio pra atrapalhar.”

“ tanto o homem quanto a mulher tem como principal o papel de reprodução, por isso acho que o relacionamento homossexual não corresponde a normalidade.”

“ apesar de ter algumas ideias machistas não tenho nada contra as pessoas que são diferentes do biótipo da sociedade, tudo de boa”

“não sou contra o casamento gay, mas sou contra a adoção de crianças por casais homossexuais.”

“e no dia das mães o moleque que não tem mãe vai dar presente pra quem?”

Alguns alunos colocaram uma relevância muito grande no tratamento dos sentimentos, partindo de que é necessário estar bem consigo mesmo não importa a orientação sexual. Porém com uma compreensão um pouco distorcida do que representa a homossexualidade.

“se você gosta de uma pessoa, você tá com ela, pode ser ela homem ou mulher, não interessa se é só orgia ou é só sexo, você tá com ela porque você gosta dela.”

O debate nos traz claramente que a compreensão dos alunos é ainda muito restrita, baseia-se na religião, no preconceito, na falta de posicionamento perante questões cotidianas e vendo-as como normais e tendo que ser aceitas.

Foi com base nesse debate que nos veio a possibilidade de mudança no cronograma de aulas inicial, que consistia em aulas com propostas práticas, extra-classe e aulas com propostas teóricas. O reformulamento das aulas foi realizado uma a uma, entendendo que havia uma dificuldade enorme de atingir o objetivo conseguir perceber um determinado grau de compreensão sobre o tema proposto.

No segundo encontro, iniciado em sala foi lembrado os conceitos anteriormente apresentados e reforçado a reflexão sobre a pergunta geradora também apresentada no debate da aula anterior. Frente a essa reflexão os alunos colocaram a divisão de trabalho em ter homens e mulheres, como o homem sendo privilegiado, e a mulher como um ser delicado e sensível, e sempre a figura da mulher como parte importantíssima da família, valorizando as atribuições familiares “tipicamente femininas”:

“o homem diarista não existe.”

“mulher ganha menos.”

“mulher é bom porque é delicada.”

“mulher é mais sensível.”

“mulher pode ser mãe, o centro da família, isso é bom.”

Ao discutirmos, tentando relativizar, a dita sensibilidade e delicadeza natas da mulher, foram levantados os mesmos aspectos, nos homens, se cuidando ou não. Os alunos, principalmente os meninos, tiveram uma preocupação grande em explicar que homens podem se cuidar, porém não muito, como uma tentativa de explicação que eles eram vaidosos, mas que isso não afetava sua masculinidade.

“[fala de um menino] eu uso shampoo, sabonete específico.”

“Oh viado!”

“O homem tem mais facilidade pois não gasta muito com produtos de beleza e roupas. Apesar que uma mulher deve se cuidar e o homem, também mas nem tanto.”

“Se cuidar como? Depende, tomar banho todo dia ou passar creminho?”

No tatame realizaram uma atividade de massagem corporal com ajuda dos colegas e com uma intervenção nossa. Ao iniciar a proposta que tinha objetivo de fazê-los confrontarem seus conceitos sobre contato corporal foi uma surpresa para os alunos, pois apenas foi explicada no momento da realização e as fisionomias de descontentamento foram muito evidentes outras pessoas, porém, com postura confortável ao se dividirem em duplas, percebeu-se que eles automaticamente procuraram aqueles colegas com quem tinham mais afinidade, ou ate com aquela ou aquele colega com quem mantinha algum tipo de envolvimento.

Antes de iniciar a atividade houve um diálogo particular com aqueles que não queriam participar da atividade, procuram saber o motivo. O motivo apresentado foi o de não expressarem vontade, a segunda foi a falta de uma colega para realizar a atividade. Porém no final todos participaram.

Ao iniciar a dinâmica os alunos estavam muito agitados, com muitas risadas, barulho e gritinhos, mesmo com muitos pedidos de silêncio. Levou bastante tempo até que eles se centrassem e ficassem um pouco mais calmos e falassem menos.

Duplas de meninos com meninos e duplas de meninas com meninas também, percebemos que nas duplas de meninos houve uma situação desconfortável para alguns, que alegaram não ter gostado do toque do colega, enquanto outros faziam a massagem apenas nas pernas, e nas duplas de meninas houve uma situação desconfortável ainda maior, e em algumas delas a colega praticamente não realizou a atividade, e justificou, dizendo que duplas de meninos e meninas seria realizada com maior tranquilidade.

Abaixo algumas frases ditas pelos alunos exemplificando as reações narradas:

“[dupla de meninos] É que ele está em jogo, tô relaxando a perna.”

“ Não gostei ,ele não sabe fazer e fica me zuando”

“[dupla de menina] Ah se fosse com menino seria melhor né.”

Nas duplas mistas foi observado um desconforto ao realizar o toque na/o colega, passando um certo receio de qual seria a reação do colega ao receber determinado tipo de toque. Esse episódio mostra na verdade que o tabu do toque não está no gênero, mas sim na ação de tocar um no outro.

Durante a dinâmica nos realizamos uma pequena intervenção, realizando também a massagem em todos os alunos, com um toque de amassamento nas nádegas. A princípio o barulho aumentou, visto que eles se sentiram envergonhados de deixar que fizéssemos, algumas duplas não realizavam o toque se não fosse nas costas e nas pernas, ou paravam de fazer a massagem quando nós nos aproximávamos, e com a nossa intervenção pareceu ser mais fácil a aceitação deste tipo de toque. No geral foi bem aceito.

“Olha a professora, vai fazer massagem na bunda de todo mundo.”

“Deixa só a professora fazer a massagem, massagem profissional”

P: Porque você parou de fazer a massagem?

“ Porque eu não vou fazer na bunda dele não”

“Porque tô esperando a senhora fazer”

Houve uma troca, onde quem estava recebendo a massagem, passou a fazer, e vice-versa. Nessa troca alguns não queriam receber a massagem, queriam que apenas os meninos recebendo massagem. Um caso especial de uma aluna que não se sentiu confortável em receber a massagem, e a questão da malícia foi levantada, não parando a atividade, fazendo um parêntese sobre essa questão no momento. Após essa rápida conversa eles aceitaram realizar a troca e começaram a ficar mais calmos e mais a vontade com a atividade.

“professora eu quero fazer, mas ela não deixa”

P: Você não quer que ele faça massagem em você?

“não.”

P: Mas porquê?

“porque não.”

O horário da aula foi ultrapassado, e eles continuaram agora, mais tranquilos e mais concentrados na atividade, e nem perceberam que havia chegado a hora do almoço, começavam a gostar da atividade.

O último momento da aula foi um rápido debate em círculo, para que eles se colocassem e falassem sobre como tinham se sentido com essa atividade. Dois alunos manifestaram que não tinham gostado da atividade porque, o colega não sabia fazer e o segundo menino, colocou que se sentiu desconfortável em saber que era outro colega que lhe fazia a massagem. Os demais apenas concordaram de que foi parte desconfortável, porém não tinham se sentindo desrespeitados.

P: Você ficou menos homem com essa massagem?

“não”

“não, mas desconfortável.”

P: Como vocês se sentiram com o toque do colega?

“Tenso né.”

“[Um menino que fez em outro menino, justificando o fato de não ter achado ruim tocar no colega] Massagem profissional para o treino, estou pronto para treinar.”

“A mão feminina é mais gostosa na massagem.”

P: Alguma mulher foi desrespeitada?

“não, acho que não.”

As questões sobre o respeito que deve existir nas relações humanas foram bastante levantadas ao final e a diferença no comportamento deles no começo até o fim da atividade foi discutida. Em relação as relações humanas foi levantado o debate de não estarem em “baladinhas”, ou seja, festinhas e que estavam em um local de aprendizagem, que exigia uma postura mais madura, postura essa que mudou completamente do início até o fim da atividade, onde no final eles estavam menos agitados, e conseguiriam assim ficar por mais tempo se fosse necessário, tudo sem perceberem.

A terceira aula, utilizou da mídia, dos recursos como vídeo e entrevistas, consistiu na reflexão sobre vídeos com acontecimentos reais, como a entrevista do Deputado Jairo Bolsonaro e do jogador de vôlei Michel, e a apresentação do censo 2010 sobre o número de casais homossexuais no Brasil.

Nesta aula eles ficaram bastante dispersos no início, já previsto pelo problema inicial, mas com o decorrer eles se acalmaram e fizeram as reflexões sobre os assuntos propostos, também levantando a questão do casamento gay.

Em maioria, os alunos acreditam que a modalidade de voleibol, é jogada por homossexuais e que o casamento gay é um desrespeito à igreja, reforçando a ideia de que existe uma norma, um padrão de orientação sexual a ser seguido, que as outras orientações não devem ser aceitas socialmente.

“um gay não joga futebol igual homem”

P: Você concorda que apenas no voleibol os homossexuais jogam?

“claro que é, a maioria dos times que eu já vi, era tudo gay”

“não concordo com o casamento, como que um casal [gay] vai entrar em uma igreja?”

Ao finalizar a aula a classe foi dividida em dois grupos, para que juntos eles, escrevessem palavras que reforçariam a sua compreensão sobre o tema proposto.

O primeiro grupo escreveu palavras como, pensamento, dúvida, gênero, sofrimento, preconceito, polêmica, ignorância, educação, origem, integração, machismo e discriminação, ao serem questionados sobre as palavras, alegaram que eram as palavras que davam sentido a aula do dia.

O segundo grupo escreveu fez de forma diferente, uma folha de caderno foi passando e cada um continuava escrevendo o que o anterior começou, formando uma só frase. Que ficou:

“eu acho que existe muito preconceito para com os homossexuais e as lésbicas e bissexuais, por isso eu sou totalmente contra o homossexualismo, por não ter nada a ver...” no final da frase, dois alunos escreveram sua opinião completando assim *“...eu sou a favor do homossexualismo. Cada um tem sua opção sexual e não cabe a nós julgá-la.”*

Foi uma forma diferente da atividade proposta na aula, porém não tentamos modificá-la, por respeitar a maneira com que eles estavam se expressando, no geral tendo mais significado, do que a tarefa do primeiro grupo.

A quarta e última aula foi talvez a mais significativa, onde em nosso cronograma de aulas, ela seria idêntica a primeira, para que pudéssemos tentar perceber a compreensão dos alunos ao longo de todas as aulas. Porém com base na terceira aula, realizamos mais uma modificação no cronograma e procurando uma forma para poder compreender opiniões reais ou mais próximas da realidade, adotamos o uso do texto individual, a partir da pergunta geradora inicial.

As considerações finais e agradecimentos foram realizados, a pergunta geradora foi feita novamente e cada um escreveu sua opinião e seus sentimentos sobre todas as aulas, e respondendo a pergunta geradora. Alguns textos foram excelentes e muitos proveitosos, outros nem tanto, ainda precisavam de algum conceito mais elaborado. Foram escolhidos textos que apresentaram uma compreensão mais concreta e próxima a realidade, tanto para opiniões contrárias ou não. Eles foram escolhidos para que pudéssemos ter uma pequena idéia do impacto da intervenção por nos proposta.

Com relação aos textos com opiniões contrárias a expressão da homossexualidade, houve relato onde o homem não tinha papel fixo na sociedade,

onde seu papel era apenas de colocar dinheiro em casa, ser exemplos para a família e de colocar o país para frente.

Já os relatos relacionados à mulher, a compreensão se apresentou como um ser dependente de um homem e com menos habilidades para certos trabalhos, suas principais características, para os alunos, são a maternidade e a fragilidade:

“o homem é o ser que põe dinheiro dentro de casa juntamente com sua mulher.e leva seu país para frente,”

“o homem tem que ser o exemplo para os filhos.”

“na verdade não acho que o homem tem um papel padrão na sociedade, ou seja, esse papel varia com o gosto e escolhas de cada ser.”

“toda mulher precisa de um homem que a complete...um supre a necessidade do outro...concordo que para certos trabalhos o homem tem mais habilidades...as únicas diferenças entre mulher e homem são a maternidade e a fragilidade.”

“As mulheres são naturalmente meigas e sensíveis, mas só pelo fato de algumas serem mais “grossas e fortes” não significa que não são mulheres...”

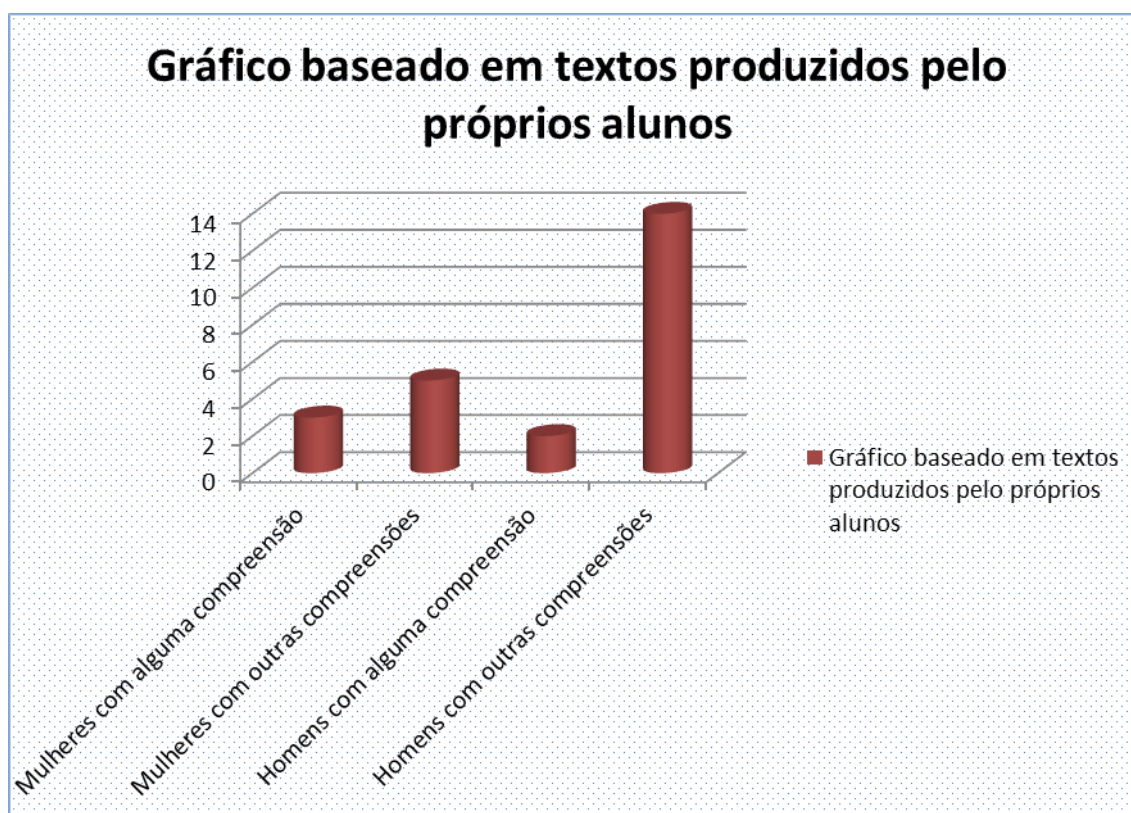
Por último um relato em especial de um aluno que coloca sua compreensão modificada, para melhor.

“meu conceito sobre o papel do homem na sociedade foi de certa forma modificado...as pessoas devem ser qualificadas pelo seu caráter e pela sua competência, e não por suas escolhas ou aparências”

No gráfico abaixo, apresentamos alguns dados, baseados nos textos que foram produzidos pelos alunos na última aula realizada, consideramos como **“alguma compreensão”**, aqueles textos que apresentaram opiniões que expressassem uma visão mais crítica e negativa à realidade, portanto menos preconceituosa, como por exemplo, textos com postura contra o preconceito e machismo. E consideramos como **“outras compreensões”**, aqueles textos que apresentaram opiniões expressando ideias positivas à realidade, acrítica de dogmas e preconceitos sociais, como por exemplo, textos com postura a favor do preconceito e machismo, juntamente com opiniões expressando algum sentimentalismo.

A classe continha 33 alunos, apresentou um número maior de meninos do que meninas, sendo 22 e 12 alunos respectivamente. Entre as mulheres a compreensão do machismo e do preconceito foram considerados algo ruim e se mostrou maior proporcionalmente do que entre os homens. E o número de homens que tiveram sua compreensão classificada em “outras”, foi maior comparado com as mulheres. O número de mulheres classificadas em “outras” foi maior do que as classificadas com “alguma compreensão”.

Visto que muitos autores já citados na introdução teórica trazem o machismo e o preconceito, como algo nativo do homem, e a mulher compactuando desta compreensão, podem fazer uma ligação do gráfico abaixo como, sendo uma leitura da realidade comprovando todas as falas, e trazendo um novo fato de que, ao compararmos que o número de mulheres com “outras compreensões” ainda é maior do que as com “alguma compreensão”.



PRINCIPAIS DIFICULDADES ENCONTRADAS

A compreensão apresentada pelos alunos tem uma influencia muito grande da religião de cada um, visto que uma das falas mais importantes, têm um sentido religioso embutido e muito forte. A igreja tem uma relevância muito forte, ela coloca os papéis de homem e mulher bem estipulados na sociedade e em relação a conduta durante a vida. Esses conceitos são apresentados desde muito cedo, na educação de cada um, e se torna uma compreensão difícil de ser modificada.

O preconceito social já é um problema rotineiro e mais do que falado na mídia, nos jornais e revistas. A homofobia tem se manifestando fortemente, como por exemplo, em crimes brutais contra homossexuais. A imagem que a sociedade faz dos homossexuais também já é clara, o conceito que existe é algo já absorvido por ela, por exemplo, brincadeiras com o numero 24, com jogadores de voleibol, com os homens mais vaidosos.

O preconceito na escola talvez seja um dos mais sérios, pois reforça os preconceitos do individuo no momento em que ele está formando sua personalidade, colaborando para formar sua visão de mundo e reproduzindo conceitos. O compromisso da escola deveria ser de formar pessoas que possam realizar uma crítica da leitura da realidade, (Soares et al.). Realizando questionamentos, recusando ou aceitando os conceitos apresentados pela sociedade e tentando modificá-los (Moreno 2001).

A presença de estereótipos na sociedade e na escola também reforça o julgamento antecipado e o preconceito. Por exemplo, nas aulas dadas, dois estereótipos foram citados, cheios de informação, “peão” e “piriguete”, uma leitura da realidade que os alunos trazem consigo e que a escola pode reforçar.

O fato de nos não sermos professoras desta classe também nos limitou muito, pois precisamos de aulas regulares, que no meio do semestre talvez ficasse uma pouco difícil para o professor da classe ceder. Porém o aspecto maior é que nós tínhamos muito para passar, em pouco tempo e, por não haver nem uma sequência anterior ou posterior.

A intervenção foi muito válida, mas não atingiu todos os objetivos propostos, posto que o objetivo foi realizar uma leitura mais aprofundada sobre a compreensão de gênero e do sexismo na escola e tentar promover a reflexão sobre as

manifestações sexistas na escola e na sociedade, e os fatores citados foram limitantes de nossa ação.

Muita coisa vem mudando na sociedade, por exemplo, hoje nossa representante maior em nível nacional é uma mulher, manifestações em todo o mundo, como a Marcha das Vadias nos EUA, o repúdio a fala preconceituosa de pessoas influentes no mundo político², a presença de casais gays em novelas e seriados, a presença pela primeira vez na transmissão pela televisão do beijo lésbico em uma telenovela³. Todos esses acontecimentos são o sinal de que a realidade está mudando, e que os oprimidos não estão mais tão fracos. Claro que toda essa mudança é bastante lenta, mas vem acontecendo com força.

Na escola as mudanças também já estão acontecendo, porém são mais lentas ainda e com menos força, pois estamos falando de uma estrutura muito consolidada e dogmática. Porém já existe uma maior aceitação do papel da mulher, que não é apenas em casa cuidando dos filhos, e uma maior rejeição do homossexualismo, que está presente nas escolas, na sociedade, e não pode ser simplesmente negado.

Espera-se que através dos apontamentos possamos levantar possibilidades mais efetivas de superação do sexismo na escola e nas aulas de educação física.

² Sobre isso ver a recente repercussão da Entrevista do Deputado Federal Jair Bolsonaro, que declarou em um programa de televisão (CQC – rede Bandeirantes), ser contra um filho seu casar com uma mulher negra e afirmou que seus filhos nunca seriam homossexuais porque eles tinham sido bem educados e não eram promíscuos.

³ Novela Amor e Revolução, no capítulo exibido pela rede SBT, no dia 12/05/2011.

CONCLUSÃO

Muita coisa vem mudando na sociedade, por exemplo, hoje nossa representante maior em nível nacional é uma mulher, manifestações em todo o mundo, como a Marcha das Vadias nos EUA, o repúdio a fala preconceituosa de pessoas influentes no mundo político⁴, a presença de casais gays em novelas e seriados, a presença pela primeira vez na transmissão pela televisão do beijo lésbico em uma telenovela⁵. Todos esses acontecimentos são o sinal de que a realidade está mudando, e que os oprimidos não estão mais tão fracos. Claro que toda essa mudança é bastante lenta, mas vem acontecendo com força.

Na escola estudada as mudanças também já estão acontecendo, porem são mais lentas ainda e com menos força, pois estamos falando de uma estrutura muito consolidada e dogmática. Porém já existe uma maior aceitação do papel da mulher, que não é apenas em casa cuidando dos filhos, e uma maior rejeição do homossexualismo, que está presente nas escolas, na sociedade, e não pode ser simplesmente negado.

A realizar o levantamento bibliográfico pudemos perceber como o sexismo se manifesta na escola, na sociedade, em muitos conteúdos e especialmente presente nas aulas de educação física escolar. A reflexão para a superação dessa manifestação é bastante complexa, precisa de tempo, espaço, continuidade por parte de todos os membros interessados na escola, em principal por parte do profissional de educação física escolar, que pode trabalhar com a diversidade e construir novos conceitos e conhecimentos com seus alunos.

Nas aulas de Educação Física devem ser propostas situações de reflexão, sobre a cultura corporal e as relações de gênero. Desta forma as aulas podem se tornar um espaço para os alunos confrontarem e negarem o *status quo*, poderem também superar as idéias de preconceito e discriminação.

⁴ Sobre isso ver a recente repercussão da Entrevista do Deputado Federal Jair Bolsonaro, que declarou em um programa de televisão (CQC – rede Bandeirantes), ser contra um filho seu casar com uma mulher negra e afirmou que seus filhos nunca seriam homossexuais porque eles tinham sido bem educados e não eram promíscuos.

⁵ Novela Amor e Revolução, no capítulo exibido pela rede SBT, no dia 12/05/2011.

Reafirmamos que é importante que haja esta discussão, que não está presente na escola, que acaba por reforçar os preconceitos, ao invés de tratar com seriedade e respeito as discussões a cerca do machismo.

A partir das intervenções concluímos que é preciso mais propostas práticas para que haja uma intervenção concreta buscando a superação do machismo dentro da escola e em todas as disciplinas, não apenas na Educação Física, pela enorme importância, e pela falta de atenção que o sexismo recebe dentro da escola. Proposta deve abranges desde a gestão, todo o corpo docente, os funcionários e os próprios alunos.

A responsabilidade de transformar os saberes sociais em grande parte é da escola. E também é na escola que podem surgir possibilidades de superação para o sexismo. Na atuação do profissional de educação física deve-se buscar uma postura diferente da atual e elaborar práxis de formas de ação comuns para os dois sexos, entendendo que o aluno não é apenas mais um no mundo e sim o mundo o influencia, não podendo se separar etapas de conhecimento. Quando existe a organização dos conteúdos aplicados estiverem condizentes com o objetivo, a educação física escolar deixa de se resumir em práticas corporais.

PROPOSTAS DE AÇÃO

Não pretendemos esgotar o assunto, ainda mais baseados em apenas quatro encontros, entendemos os limites da nossa proposta, mas que ela deve ser vista como uma forma de contribuição para a leitura do atual cenário das escolas.

I. Que conste no Projeto Político Pedagógico da escola, trabalhos e formas de ação para a superação do machismo, androcentrismo, homofobia e outros preconceitos dentro da escola, como parte da formação crítica e integral do aluno.

II. Pode-se pensar em um trabalho realizado junto aos professores, nas reuniões pedagógicas, nos planejamentos ou utilizando outros meios, como palestras, cursos, cursos online, oficinas, etc.

III. Oficinas pontuais com os alunos, aproveitando de eventuais problemas que aconteçam, para momentos críticos e para que eles em seus momentos de necessidade possam se expressar e serem ouvidos.

IV. Ocupar espaços já existentes na escola, com atividades de formação crítica, atividades que lhe tragam uma bagagem a mais, não que fiquem apenas produzindo ou reproduzindo conhecimentos que não lhe serviram na vida, como por exemplo, a atividade de artesanato e coral que existe no Instituto em que nos cedeu as aulas para intervenção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, E. B. As representações sociais de alunas sobre sua auto-exclusão nas aulas de educação física do Ensino Médio. Disponível em www.cev.org.br, 2011. Acesso em 16 de Maio de 2011.

BRASIL, Decreto Lei (D 69.450). Brasília, 1971.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (L9394). Brasília, 1996

CASTELAN, L. P. Corpos na passarela: corpo e beleza na concepção de modelos profissionais. Monografia (graduação). Campinas: UNICAMP, 2004.

FERNANDES, S. C. “Cadê a bola, dona?” Ou sobre os significados de gênero nas aulas de educação física. In: DAÓLIO, J. Educação física escolar: olhares a partir da cultura. Campinas: Editora Autores Associados, 2010.

FINAMORE, C. M. **CARVALHO**, J. E. C. Mulheres candidatas: relações entre gênero, mídia e discurso, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n2/a02v14n2.pdf> acesso em 22 de Novembro de 2010.

FORMIGA, N. S; **GOLVEIA**, V. V; **SANTOS**, M. N. Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero, 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/%0D/pe/v7n1/v7n1a11.pdf>, Acesso em 22 de Novembro de 2010.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da pesquisa-ação. Revista Educação e Pesquisa, vol.31,n 3,2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ep/v31n3/a11v31n3.pdf> Acesso em 16 de junho de 2011.

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. Cadernos de formação RBCE, 2010.

GONÇALVES, M.A.S. Sentir, Pensar e Agir. Corporeidade e Educação. Papirus Editora, 1994. Disponível em http://books.google.com/books/about/Sentir_pensar_agir.html?hl=pt-BR&id=JoOsY1qNnCIC. Acesso em 16 de Maio de 2011.

MORENO, M. Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola. Tradução Ana VeniteFuzzato. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas. 1999.

SOARES ET AL. Metodologia do ensino de educação física escolar. Autores Associados, Campinas: SP, 1992.

TORRÃO FILHO, A. Uma questão de gênero: onde o masculino e feminino se cruzam, 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/%0D/cpa/n24/n24a07.pdf>, Acesso em 20 de Novembro de 2010.

VIANNA, C; **RIDENTI**, S. Diferenças e preconceito na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998. Disponível em: http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=ROZSkhfHSMkC&oi=fnd&pg=PA93&dq=artigo%2Bgenero%2Bmasculino&ots=xVRXQtXC49&sig=fQ45Ohp7DWayPwKmX074h_-z99M#v=onepage&q&f=false Acesso em 20 de novembro de 2010.

VILELA, F. A; **MANZINI**, E. J. Tipos de pesquisas: enfoque na educação especial. Revista de Iniciação Científica da FFC, volume 9, p288,2009. Disponível em <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/viewFile/264/220> Acesso em 16 de Junho de 2011.